

Língua de gato

Beto Vianna

Beto nasceu em Belo Horizonte e passou a infância em Lisboa. Estudou a linguagem dos grandes símios não-humanos – chimpanzés, bonobos, orangotangos e gorilas – em BH e em Leipzig e deu aula de português em Ilê-Ifé, Nigéria. Já escreveu pra adultos e crianças no Livro de Graça na Praça e publicou os livros *Biologia da libertação* (2008) e *A linguagem dos animais* (2010). É pai de Tábata e Ariel.



Júlia mora só com a vó. Não vive sozinha pois a velha gosta que se enrosca da menina. A vó cozinha, costura, canta e conta histórias pra Júlia, e Júlia ajuda a vó a cozinhar e a costurar, canta com ela e se assombra com as histórias que conta a vó (sempre de mistério, de medo e de lobisomem). E Júlia tem os livros, de todo tipo sobre quase tudo. E tem computador com internet, e tem a escola, a professora, os colegas. E tem o gato. O dinheiro pingado que entra na casa (a menina ainda é pequena, não trabalha fora) vem só da mão da vó, doceira e salgadeira da vizinhança enricada da cidade lá perto (pertinho de ir a pé). A menina é preta e a vó é preta. Os vizinhos ricos são todos brancos. Os colegas são de cores variadas e a professora é albina. O gato é preto, também.

Júlia caminha um bom bocado até a escola. A professora ri à toa com cada chegada da menina, curiosa, atrevida. Júlia gosta de perguntar. Não é aquela curiosidade grande de toda criança, é a curiosidade disciplinada de gente grande, de cientista, de perguntar pra saber a explicação e depois refletir sobre a explicação e às vezes mudar de explicação (ou botar uma explicação dela, mais jeitosa, no lugar das outras que ouviu). O que é, como funciona, de que é feito, o que tem dentro, o que tem fora, o que acontece, como surge. Júlia só não tem, como têm os cientistas, um limite pro conjunto de coisas que ela pode perguntar. De algodão a turbina de avião, de vivo a não-vivo, tudo é motivo pra Júlia perguntar, explicar e mudar de explicação. Assim como os

cientistas, porém, Júlia acha que as coisas vivas são muito mais difíceis de explicar que as coisas não-vivas. Explicar o algodão é mais difícil que explicar a turbina de avião.

Como funciona uma turbina de avião? No final é fácil. De que é feito, o que acontece, como surge uma turbina de avião? Até dá trabalho pra explicar mas no final é fácil, fácil, fácil. E o que é o algodão? Só essa perguntinha já dá voltas e reviravoltas na explicação. Muda a explicação, muda o algodão (rima Júlia). Júlia lê nos livros, pesquisa na internet, e surge a explicação da turbina de avião e ela logo fica satisfeita. Lê nos livros e pesquisa na internet e surgem as muitas explicações sobre o algodão (ou sobre a família das malváceas, ou sobre as plantas, ou sobre as coisas vivas, ou sobre a economia algodoeira, ou sobre os trabalhadores dos algodoais - que também são explicações sobre o algodão) e as perguntas aumentam em velocidade maior que as explicações. Como (pergunta Júlia) a explicação “coisa viva” explica que um arbusto de algodão seja ao mesmo tempo diferente e parecido com o arbusto-mãe-do-algodão? Do mesmo jeito que o algodão dá outros frutos (pensa Júlia), a explicação também frutifica em outras perguntas.

A professora albina tanto se baba e lambuza com a curiosidade da menina preta que dá a ela qualquer livro novo ou usado que lhe cai na mão (a biblioteca da escola é quase inexistente; o bom-senso da professora também). Um dia a professora deu à menina o computador velho da escola, dia desses de comício em que a prefeitura quis mostrar que

se importa com a escola rural e modernizou uma instalação aqui outra ali (as goteiras no teto e o salário da professora permanecem originais). Agradecida à professora, a vó também fez por onde. Arrancou da pingada renda quituteira uns bons tostões pra pagar internet pra Júlia. A professora disse, sorrindo: “É dar asa à cobra”. Pra Júlia, o dito satisfaz a explicação “coisa viva” de asa e de cobra (se tem que dar é por que não tem). Pra vó, era pro dito querer dizer “coisa ruim”, mas ela sabe que a professora tanto se baba e lambuzza com Júlia que ela só podia querer dizer “coisa boa”. Pra professora, o dito quis dizer “coisa boa”.

Júlia gosta que se enrosca do gato preto. Dá água e ração pra ele, faz carinho nele, limpa a caixa de areia dele, joga a bola pra ele brincar, coloca leite na tigelinha. Parece que o gato preto também gosta que se enrosca de Júlia. Parece? A verdade é que Júlia tem, sim (ou tinha, até o dia de hoje), um limite pro conjunto de coisas que ela pode explicar. Ela não acha (ou não achava, até o dia de hoje) que podia explicar a vó, a professora, os colegas, os vizinhos e o gato. Ela nunca lê nos livros, nem pesquisa na internet, coisa alguma sobre a vó, a professora, os colegas, os vizinhos ou o gato preto. É claro, ela bem sabe que existem no nosso mundo vós, professoras, colegas, vizinhos e gatos pretos, e ela já fez várias perguntas e deu várias explicações pra isso tudo. O que é uma vó? Como funciona uma professora? O que tem dentro de um vizinho? Como surgem coisas ricas, pretas, brancas e albinas? Mas a vó dela era a vó dela, a professora dela era

a professora dela e os vizinhos dela eram os vizinhos dela e ponto final. E o gato preto dela era o gato preto dela.

Hoje Júlia sentou-se em seu computador velho e andou pesquisando na Wikipedia e outras mídias sobre dois animais diferentes: *o Crocuta crocuta e o Chrysocyon brachyurus* (tradução para os não-Júlia: a hiena malhada e o lobo guará). A menina ficou com a pulga atrás da orelha ao ler, em um de seus muitos e ensebados livros (esse era de 1946), que um filósofo grego, de nome Aristóteles, disse que a hiena malhada era hermafrodita (tal como o algodão, pensou Júlia), ou seja, tinha os dois sexos num bicho só. Disse? Era? Disse ou não disse? Era ou não era? Sobre o lobo guará, o que intrigou a menina foi uma musiquinha que lhe cantara a vó, dizendo mais ou menos assim:

*O guará não é lobo/nem é cachorro, não
O guará não é lobo/nem é cachorro, não
Tem cara de raposa/focinho de raposa
tem pêlo de raposa/é raposa o bicho então*

Catar informação na internet é igual procurar palha no palheiro, brincou Júlia. Tá tudo lá, palha boa, palha ruim, palha seca, palha molhada... Mas Júlia de boba só tem o jeito de andar. Júlia é bamba na pesquisa e não se deixa levar pelo fácil, pelo rápido, pelo Google. Ela faz igual a vaca (quem foi que disse isso mesmo? tenta lembrar Júlia) que ruma, ruma, ruma... A menina começou pelo tal Aristóteles e a hiena malhada. Num monte de lugar ela leu assim: “Os

sábios da Antiguidade, entre os quais Aristóteles, acreditavam que a hiena malhada era hermafrodita”. Tudo copiado uns dos outros, pescou Júlia. Noutras tantas tava assim: “Aristóteles desmentiu essa idéia (a da hiena hermafrodita), mas foi inútil”. Com tanta informação encontrada e desconhecida, a menina desistiu. Ficou imaginando como é que a professora ia dar um jeito de arrumar pra ela um livro do tal Aristóteles (em português, pois Júlia só lia em português) em que estivessem lá as palavras do próprio Aristóteles sobre a hiena malhada.

Sobre a própria hiena malhada a menina não teve dúvida (que pena ela não saber ler noutras línguas... em inglês tudo parecia tão mais explicadinho): o bicho não era mesmo hermafrodita, o que seria bem incomum pra qualquer mamífero. O caso é que as fêmeas adultas, além de maiores e mais fortes que os machos e liderarem o bando e (sorriu largo Júlia) mandarem nos machos, têm um clítoris avantajado, semelhante ao pênis no tamanho e na forma. E isso (seguiu pesquisando Júlia) nem era coisa do outro mundo. O clítoris de toda fêmea de todo mamífero (da vó, da professora... e dela mesma, pensou Júlia) é um órgão que surge no embrião do mesmo jeito que o pênis dos machos. É a mesma estruturazinha lá no embriãozinho bem novo. Só que, no desenvolvimento das fêmeas da maioria dos mamíferos, ela não abre, como nos meninos e no pinto dos meninos, pra passar o xixi. Na hiena ela abre. E acaba ficando menorzinho na fêmea da maioria dos mamíferos. Na hiena ela cresce. Na

hiena cresce até um saco, igualzinho ao do hieno (riu Júlia). A menina divertia-se à beça com suas nova heroína... henoína, hienoína, himenina...

De quebra a menina descobriu que, além de xingar de hermafroditas (e por que é que chamar de hermafrodita é xingar? torceu Júlia o nariz) sobre muito mais se malhou a hiena malhada e tudo foi desmentido pelos cientistas: que era um bicho covarde (é coisa nenhuma!), que só comia carniça (só come coisa nenhuma!), que ria feito gente (ô tontice!) e que comia cocô (diz a vó que uma vizinha rica tem um filhinho que gosta que se lambuza de cocô). Além do mais, como é que pode só comer carniça e ainda comer cocô? Ou bem é uma mentira ou é outra! Júlia lembrou-se também de como eram covardes e bobalhonas as hienas de um desenho que ela amou de delirar no cinema da cidade, o Rei Leão. Será que quem fez o desenho não sabe ler livro nem pesquisar na internet? Júlia ficou sonhando acordada que quem fez o desenho era homem e que a mulher dele era maior e mais forte que ele e mandava nele e tinha um clítoris maior que o pauzinho dele e aí ele ficou com raiva e desenhou o Rei Leão pra fazer raiva nela.

Restaurada a dignidade de sua nova heroína, Júlia ficou satisfeita com a explicação pra pergunta “A hiena é hermafrodita?”, se é que se pode ficar satisfeito com qualquer explicação sobre as coisas vivas.

E a menina voltou suas atenções ao lobo guará, o tal que, segundo a musiquinha, não é lobo. Lobo, lobo, mesmo,

não era. Nem era lobo (outro bicho de má fama nas histórias que lhe contava a avó, lembrou Júlia) e nem era cachorro, o melhor amigo do homem, como diziam por aí (será que a hiena é a melhor amiga da mulher?). Júlia pesquisou e viu que cachorro e lobo são, lá no fundo das explicações assombrosas sobre as coisas vivas, a mesma coisa: *Canis lupus*. As pesquisas genéticas dizem e redizem que o ancestral do lobo-cinzento é o mesmo de todo cachorro doméstico, *Canis lupus familiaris*. Frequentadora assídua das ciências da natureza, Júlia sabe muito bem que esse *familiaris* juntado no nome científico do cachorro não muda um dedinho na classificação do bicho, apesar do próprio bicho, mesmo, mudar muito. *Canis lupus familiaris*, companheiro do bicho-humano há milhares de anos. Então é lobo em pele de cachorro aquela cachorrada magricela e perebenta (mas tão simpática, pensou Júlia) que anda pelas redondezas e é lobo em pele de cachorro aquela cachorrada forte e lustrosa (mas tão antipática, pensou Júlia) da vizinhança enricada.

Como pode então aqueles bichos que chamamos de lobos serem tão parecidos entre-si (o mesmo jeitão do pêlo, o mesmo rabão peludo, o mesmo focinho comprido, pernas compridas...) e aqueles bichos que chamamos de cachorros serem tão diferentes entre-si? (uns pintadinhos e outros de uma cor só, uns de pêlo curto e outros peludões, uns de focinho comprido e outros de cara amassada, uns de perna comprida e outros salsichinha...). É bem verdade que filho de mãe e pai salsichinha nasce salsichinha, mas os salsichi-

nhas não se parecem nada com os grandes, gordos, peludões (como é que chamam mesmo?), são-bernardo. Então Júlia lembrou que mãe preta e pai preto salsichinha podem ter filho marrom. E lembrou que os cachorros magricelas e perebentos são mais parecidos entre-si (mas não do jeito que os lobos são parecidos entre-si) do que os diferentes tipos de cachorros fortes e lustrosos da vizinhança enricada.

Júlia retornou, em meio a tantas perguntas assombrosas sobre as coisas caninas, ao lobo guará. Não é lobo-cachorro mas também não é raposa, ao contrário do que diz a musiquinha, apesar do focinho comprido e do pêlo vermelho serem parecidos com os da raposa. Os três (o lobo-cachorro, a raposa e o guará) são membros bem distintos da mesma família Canidae: um no gênero *Canis* (o lobo-cachorro), outro no *Vulpes* (a raposa) e outro no *Chrysocyon* (o guará). Os três são primos-entre-si. Todos descendem de um mesmo lobo-cachorro-raposa-guará que viveu há milhões de anos no nosso mundo. Parece então (refletiu Júlia) que aquela pelagem bonita do guará e da raposa vermelha podia aparecer e reaparecer em qualquer membro da família. Na verdade, a maioria dos zoólogos (os cientistas que estudam os bichos) colocam o lobo-cachorro e o guará mais próximos entre-si e ambos mais longe da raposa (taí a explicação número 1), contrariando o argumento da musiquinha cantada pela vó. Por outro lado (taí a explicação número 2), o que a gente chama de raposa no Brasil, em Minas Gerais, na roça, é a raposa-do-campo (*Pseudalopex vetulus*, dizem

os zoólogos). Dizem os zoólogos que esse animal, se não é parente próximo da raposa vermelha, é até meio aparentado ao guará. Nesse caso, a musiquinha até que está meio certa!

E tem a explicação número 3. Leu Júlia que o famoso naturalista inglês Charles Darwin descreveu nas ilhas Malvinas, que ficam perto da Argentina (a Inglaterra diz que as ilhas são dela, e ainda dá outro nome pras ilhas, implica Júlia), uma espécie de canídeo, o *Dusicyon australis*, extinto pelo bicho-humano em 1876 (e olha que 40 anos antes, o famoso naturalista inglês Charles Darwin já tinha dito que o bicho ia sumir). O *Dusicyon australis* tinha a mesma pelagem bonita do guará e da raposa. Em 2009 os cientistas analisaram de novo o bicho e chegaram à conclusão que, de todos os canídeos de que tinham notícia, o *Dusicyon australis* era o parente mais próximo do nosso lobo guará! E sabe como o famoso naturalista inglês Charles Darwin chamava esse bicho? “Raposa das Malvinas” (só que como ele era inglês e falava inglês, chamava as ilhas pelo nome errado, em inglês).

Júlia ficou satisfeita com as três explicações possíveis pra pergunta “O que é o lobo guará?”, se é que se pode ficar satisfeito com qualquer explicação sobre as coisas vivas.

Mas tinha uma coisa que continuava incomodando a menina. A gente não pode continuar chamando o lobo guará de lobo guará (apesar de não ser lobo) e o cachorro de cachorro (apesar de ser lobo)? Claro que pode, né? Júlia lembrou dum livro que ela amava de delirar, *Alice no país das*

maravilhas. Tem um pedacinho que ela sabe de cor e salteado e diz exatamente assim:

– Quando eu uso uma palavra – Humpty Dumpty disse com certo desprezo –, ela significa o que eu quiser que ela signifique... Nem mais nem menos.

– A questão – disse Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes.

– A questão – replicou Humpty Dumpty – é saber quem é que manda. É só isso.

Júlia gosta desse pedacinho do livro pelos efeitos diferentes que ele causa nela. Tem dia que ela concorda com Alice (não podemos fazer as palavras dizerem qualquer coisa) e tem dia que ela tomba pro lado de Humpty Dumpty (podemos, sim!). No dia de hoje, a história do lobo-cachorro-guará-raposa (e, pensando bem, também a história do tal Aristóteles e da hiena malhada) fez ela pensar que a melhor explicação seria uma mistura do argumento de Alice com o de Humpty Dumpty. Geralmente não saímos por aí multiplicando o significado das palavras: um lobo é um lobo é um lobo (onde foi mesmo que ela tinha lido uma coisa parecida?). Mas o significado das palavras também é uma questão de quem é que manda. E quem é que manda no significado das palavras?

Se existe no Brasil um bicho chamado raposa-do-campo, não é por que um parente da raposa vermelha, lá da Europa (e da Ásia e da América do Norte), veio morar aqui

(só se for no zoológico, pensou Júlia). A gente não herdou a raposa, a gente herdou o nome raposa. Quem mandava no Brasil eram os portugueses e eles, acostumados lá com as raposas deles, viram esse bicho e disseram: raposa. Eles é que mandam, né? Assim como os ingleses chamam as ilhas Malvinas de outro nome (mas como eles não mandam na gente, a gente continua chamando as ilhas de Malvinas). Do mesmo jeito que a raposa vermelha é européia (e asiática e norte-americana), o lobo de verdade, o lobo, lobo mesmo, o lobo-cinzento europeu (e asiático e norte-americano), também nunca viveu solto no Brasil. Mas como é que a vó, que é brasileira, mineira e da roça sabe tanta história de lobi-somem? E como é que foram chamar o guará, brasileiro (e argentino e paraguaio), de lobo? Uma coisa é certa: não são só os portugueses que mandam, pois o lobo guará tem aí no nome esse guará, palavra dos índios que falam tupi-guarani (grande família de línguas da América do Sul, pesquisou Júlia). Júlia até achou que guará significasse vermelho, vermelho do pêlo do bicho e vermelho da fruta guaraná. Procurou e viu que ago'ará (do bicho) quer dizer pelo de penugem. Os índios guaranis (que falam guarani, uma língua tupi-guarani) chamam o bicho de aguará guaçu (guaçu quer dizer grande), e outros índios de língua aparentada chamam a fruta de wará'ná, que quer dizer guaraná mesmo. Vermelho em tupi é pitanga (outra fruta!). Índio também manda, e a gente obedece e repete, mesmo sem entender tudo ao pé da letra.

Mas os cientistas também mandam, e eles têm lá o jeito deles de falar sobre o mundo dos vivos. Pra dar nome às coisas vivas, os cientistas prestam atenção na evolução, nessa linha de costura e descostura comprida que vai juntando e desjuntando o parentesco no tempo. Eles querem saber se é parente ou não é parente. É por isso que eles chamam baleia de mamífero (e não de peixe), chamam cavalo-marinho de peixe (e não de mamífero) e chamam o urso panda, que só come bambu, de carnívoro. Os carnívoros continuam todos primos-entre-si, mesmo se algum virar vegetariano... Os índios gaviões, que falam uma língua jê (grande família de línguas do América do Sul, pesquisou Júlia), fazem uma coisa parecida. Eles chamam cachorro de tchô e chamam raposa de tcho-rê (cachorro pequeno) e chamam lobo guará de tcho-tê (cachorro grande). Todos da mesma família tchô, todos canídeos-entre-si... É por prestar atenção no parentesco, como os índios gaviões (lá do jeito deles), que os cientistas dizem que raposa-do-campo não é raposa (mesmo com o nome parecido), que lobo guará não é lobo (mesmo com o nome parecido), que lobo guará não é raposa (mesmo com a cor e a forma parecidas) e que cachorro é lobo (mesmo com as cores e as formas diferentes). Júlia pensou que ela era preta e a vó era preta e vizinhança branca tinha filhinhos brancos e os colegas e os pais dos colegas eram de cores variadas. E a professora era filha da lua...

Júlia não ficou nada satisfeita com as explicações pra pergunta “O que é um lobo?”, mesmo sabendo que não se

pode ficar satisfeito com qualquer explicação sobre as coisas vivas. O que diriam Alice e Humpty Dumpty sobre o assunto? Quis saber Júlia.

Júlia pesou e pensou que, se aceitamos as explicações do cientistas, temos que aceitar também os nomes que eles dão às coisas, sem mudar nada (taí o argumento de Alice). E que podemos aceitar, ao mesmo tempo, o nome que os portugueses e os índios dão aos bichos brasileiros e aceitar a diferença que as pessoas aprenderam a ver entre lobo e cachorro (taí o argumento de Humpty Dumpty). Mas se podemos fazer tudo isso junto, pergunta Júlia, quem é que manda, afinal? Quem manda, respondeu Júlia a si mesma, não são nem os cientistas, nem os portugueses, nem os ingleses, nem os índios. É quem escuta a pergunta. Alice não aceita tanta mudança de significado nas palavras (é ela quem escuta, então ela está certa), e Humpty Dumpty retruca que a questão é saber quem manda (agora é ele quem está certo!).

A resposta da pergunta “O que é um lobo?” depende de quem manda, e quem manda é quem escuta. Dependendo do jeito que escuta. Pensa Júlia. Se eu sou uma menina curiosa e atrevida que gosta que se enrosca das explicações dos cientistas, um lobo é um cachorro. E se eu vivo no Brasil, em Minas Gerais, na roça, lobo não é cachorro nenhum. Lobo é o lobo preto das histórias da vó ou então é o lobo vermelho do mato, o lobo guará (tem até história de lobisomem com o lobo guará, mas ela nunca tinha ouvido falar de ninguém que virou cachorromem...). E se eu gosto que me

enrosco da musiquinha que faz a gente prestar atenção no focinho comprido e no pêlo vermelho do lobo guará, o lobo vira raposa. Quanta coisa pode ser um lobo dependendo do jeito de escutar... Júlia começou a imaginar uma história maluca, em que o tal Aristóteles estava vivo e tinha criado um blog na internet pra desmentir as acusações dele ter xingado a hiena de hermafrodita... e por que é mesmo que as pessoas achavam que chamar de hermafrodita é xingar?

Júlia imaginava, devaneava, sonhava acordada de olho aberto e de boca aberta com o tal Aristóteles blogueiro blogando em português na internet quando sente o gato preto roçando na sua canelinha fina. Escuta aquele miadinho fino, comprido... Júlia quase lembra do sonho acordado e olha pro gato e olha de novo pra tela do seu computador velho e olha pra hiena, pro lobo, pro cachorro, pro raposa, pro guará ... e olha de volta pro gato preto. Que engraçado. Agora eram três famílias de bichos: a das hienas (Hyenidae), a dos lobos-cachorros-roposas-guarás (Canidae) e a dos gatos de vários tipos (Felidae), as três primas-entre-si de uma família maior, a ordem Carnívora, que também tinha o urso panda que não é carnívoro... Júlia voltou meio displicente à sua pesquisa na internet e agora, quase que por instinto (o que é instinto? perguntou Júlia), estudava a família dos gatos. O que é, como funciona, de que é feito, o que tem dentro, o que tem fora, o que acontece, como surge a família Felidae?

Assim como os canídeos, também a família dos gatos tinha muitos gêneros: *Puma* (das suçuaranas das histórias

da vó...), *Panthera* (das onças das histórias da vó... e do Rei Leão...), *Felis* (do gato preto...)... Todos descendentes de um mesmo bicho suçuarana-onça-leão-gato preto que viveu há milhões de anos no nosso mundo. E tal como o lobo tinha virado lobo-cachorro, também um gato selvagem, *Felis silvestris*, tinha virado gato selvagem-gato doméstico, *Felis silvestris catus*, companheiro do bicho-humano há milhares de anos, unha e carne de um gato selvagem, quem sabe o gato bravo da África... O gato preto e o gato bravo da África... o gato preto e o gato bravo da África... Júlia quase não ia notando, mas acabou por notar, que a família dos gatos, além de ter surgido na evolução dos carnívoros, por sua vez fazendo surgir outros grupos de variados felídeos, também tinha surgido (e isso era o mais curioso) na sua pesquisa.

E (perguntou Júlia) porquê? Era tão evidente a presença do gato preto, esse de quem Júlia gostava que se enroscava. E era tão evidente que Júlia tenha prestado atenção nele e daí tenha começado a pesquisar os felídeos. Mas, no dia de hoje, pela primeira vez Júlia viu (ou pela primeira vez prestou atenção, ou pela primeira vez escutou a si mesma dizendo) que aquele gato preto é um bicho unha-e-carne do gato bravo da África e é um bicho do gênero *Felis* e da família Felidae e da ordem Carnivora e da classe Mammalia e um animal e uma coisa viva e ao mesmo tempo é o gato preto de quem ela gosta que se enrosca. E ele se enroscava nela e ele miava. E Júlia levantou-se do computador velho e foi colocar leite na tigelinha.